

A partir das reflexões de Antonia Soulez sobre linguagem, gramática e instituição em Wittgenstein e Adorno, as relações entre sonoridade e teoria do valor são contrapostas às visões hegemônicas da economia política tanto na vertente utilitária e racionalista quanto na abordagem marxista do valor trabalho. Qual a economia política da sonoridade no capitalismo? Se há uma aproximação possível entre a filosofia da linguagem e a crise da representação, como a reflexividade da experiência audiovisual pode animar uma perspectiva crítica e emancipatória? Como a estética musical pode animar uma epistemologia audiovisual radical que seja portadora de uma experiência democrática digital? A desintermediação promovida pelas redes digitais torna instáveis as formas mercantis e estatais de regulação da vida social. Uma nova perspectiva ética, estética e econômica que busca inspiração nos ícones da audiovisualidade digital exige como horizonte a criação de novas gramáticas institucionais. A naturalidade da experiência sonora é posta sob luz crítica assim como os fundamentos regulatórios e mercantis da acumulação capitalista contemporânea.

Referências:

BUCK-MOORS, S., **The Origin of Negative Dialectics**, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin and the Frankfurt Institute, The Free Press, London, 1977.

SOULEZ, A., Y-a-t-il quelque chose comme des “objets musicaux”?, in **Ensaio sobre música e filosofia**, org. Rodrigo Duarte e Vladimir Safatle, Associação Editorial Humanitas, 2007.

SOULEZ, A., Anotações do Summer School, FFLCH-USP, **Approche sociale et musicale** : confronter “chaque son dit nous” (Adorno) avec “(on dit que) tout un monde se tient dans une petite phrase musicale” (Wittgenstein), 2019.

|| Os sinos na era da ubiquidade: a relação entre as tecnologias e o patrimônio histórico

FÁBIO DOS PASSOS CARVALHO

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

E-mail: fabiopassosarquitetura@gmail.com

JOÃO TEIXEIRA ARAÚJO

Universidade Federal de São João del-Rei

E-mail: teixeira.araujo@gmail.com

FLÁVIO LUÍZ SCHIAVONI

Universidade Federal de São João del-Rei

A cultura sineira é uma tradição secular que esteve e ainda está fortemente ligada às atividades religiosas e sociais das antigas vilas do período colonial brasileiro. Em São João del-Rei, Minas Gerais, onde este trabalho está sendo realizado, a singular tradição sineira presente na composição da paisagem sonora da cidade é uma prática registrada pelo IPHAN como forma de expressão desde 2009. Os toques dos sinos, criados a partir de diferentes padrões rítmicos e tímbricos, são uma linguagem capaz de transmitir variados tipos de mensagens à população local, pois cada toque transmite uma determinada mensagem. Os sinos, portanto são objetos semióticos, “um veículo que comunica à mente algo do exterior” (PLAZA apud PEIRCE, 2013, p.287). No entanto, para leigos em relação à comunicação dos toques, o sino pode ser desprovido de significado e remeter apenas a uma paisagem sonora, celebração religiosa e/ou estímulo musical. Por esta razão, o toque dos sinos encontra-se dividido em duas formas de apreensão: uma restrita ao pequeno núcleo populacional, conhecedor de sua linguagem, e outra que os aborda da mesma maneira que os produtos de uma indústria cultural espoliativa de valores (CHOAY, 2001), ou seja, desprovido de sentido original local, estando já globalizado. Dentre as ferramentas presentes nesta ação da globalização encontram-se as tecnologias digitais, especialmente os dispositivos móveis e ubíquos, que podem atuar de maneira ambivalente, podendo ser agentes da difusão, revalorização e/ou espoliação destes bens culturais. De qualquer forma, as tecnologias digitais assumem uma posição decisiva no trato do patrimônio cultural, visto que amplificam a capacidade de produção de subjetividades que resulta da relação entre seres e coisas (AGAMBEN, 2009), pois atuam na divulgação do bem cultural, permitindo a este entrar em contato com um maior número de pessoas. Neste panorama o presente trabalho pretende, na apresentação da paisagem sonora e os sinos de São João del-Rei, avaliar os diferentes contornos assumidos pelo som do sino na atualidade e apontar as ações que utilizam das tecnologias ubíquas para produzir, reproduzir e difundir reais significâncias sobre valores simbólicos destes bens culturais, dentro da relação sinos-sineiros-tecnologias ubíquas. Nota-se que através das tecnologias ubíquas, a lógica de divulgação dos bens culturais, neste caso os sinos, não se desenvolve somente na relação entre turistas, autarquias municipais e irmandades religiosas. Grande parte da comunidade e em especial caso os sineiros, utilizam-se dos meios digitais para tratarem do bem em questão. Desta forma, pretende-se analisar o comportamento da dialética sino-sineiros dentro de ambientes ubíquos, dado que esta é uma importante relação que promove a manutenção dos sinos na memória coletiva da população.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko – Chapecó, SC: Argos, 2009.

CHOAY, F. **Alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica** – São Paulo: Perspectiva, 2013 – (Estudos: 93).

PARISI, Rosana S.b. Patrimônio Cultural, Resgate E Sensibilização: Interfaces Possíveis. **Architecton: REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO**, Recife, v. 4, n. 7, p.43-66, 2014. Disponível em: <<http://www.faculadadedamas.edu.br/revistafd/index.php/arquitetura/article/view/298>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

SANTIAGO, R. P., et al. Patrimônio cultural em ambientes imersivos colaborativos: a experiência do projeto AIVITS. **Convencion Científica De Ingeniería Y Arquitectura**, 14., 2008, Havana. Gráfica Digital Integración y Desarrollo, 2008. 5 p. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.br/eva/art018.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

|| Sound design for film: a Winston technology. Innovation, diffusion and suppression

DAVID NOVACK

Lusófona University of Humanities and Technology, Lisbon, Portugal

E-mail: David.Novack@ulusofona.pt

Sound Design for film is a unique creative and technical endeavor that has become both ubiquitous and invaluable in the audiovisual experience of film. As such, some sound design techniques have spread throughout the industry and across national boundaries. This study seeks to view Sound Design, therefore, as a diffusible technological innovation, examining the art to see if it adheres to Bryan Winston's model of diffusion of innovation. To accomplish this, we must first show sound design to be a technology. We turn to Everett Rogers' definition of a technology, examining sound design's capacity to reduce the uncertainty of outcomes of its users. If this can be shown, we must also reconcile with Winston's critical requirements for acceptance by a social sphere by uncovering the persistence of an unresolved supervening social necessity and exploring whether sound design, as a technology, satisfies that necessity. Discourse analysis goes far to expose a supervening social necessity resting in the need of both filmmaker and audience to achieve controlled narrative and phenomenological experience. However, do these outcomes become less uncertain through sound design techniques, i.e., is sound design a Rogers technology? To explore this, we turn to a